

MUROS, GRADES E CADEADOS: A ARQUITETURA DA LOUCURA NA PERSPECTIVA ARQUEOLÓGICA

Aline Wanessa Pinheiro da Silva¹
Flávia Siqueira Corrêa Zell²

Resumo

A eugenia praticada com pessoas com transtornos mentais, durante muitos séculos se configurou em retirá-las do convívio social/familiar por meio de barreiras geográficas (confinamento em lugares afastados) e físicas (arquiteturas que limitam a comunicação com o mundo externo). Goffman caracterizou como instituições totais, os ambientes na qual sua conformação arquitetônica inclina-se para seu “fechamento”, como por exemplo, as paredes altas, portas fechadas, muros com cercas, entre outros. Essas estruturas compõem a sua característica total de barreira com o meio externo acrescido das proibições de saída. A referida proposta de estudo a realizar-se na República Terapêutica de Passagem foi o antigo Centro Integrado de Assistência Social (Ciaspa). Sua estrutura arquitetônica contemplava os moldes manicomiais, de uma típica instituição total. O objetivo pauta-se em compreender a dinamicidade da arquitetura quanto objeto de poder dentro da saúde mental; analisar as mudanças que ocorreram na estrutura física da RTP; descrever como se dá a percepção do ambiente pelos usuários. A metodologia versará por uma abordagem qualitativa e descritiva. Ao término deste estudo espera-se compreender de que forma se estabelecem as relações pessoa e

¹ Graduação em Ciências Naturais Biologia, UEPA e Mestranda em Antropologia pelo PPGA/UFPA. E-mail: awpsbio@gmail.com.

² Graduação em Direito, Presidente da Comissão de Justiça do CBMPA e Doutoranda em Antropologia pelo PPGA/UFPA. E-mail: flaviacaju@hotmail.com.



arquitetura, e como as pessoas se apropriam desse ambiente agora não mais como lugar de enclausuramento, mas nesse momento como seu lar.

Palavras-chave: Loucura; Enclausuramento; Arquitetura.

1. INTRODUÇÃO

Estudar a loucura tem sido um caminho que exige compreensão das mudanças sofridas nos serviços de saúde e na própria concepção do que é ser louco, no seio da sociedade e principalmente sensibilidade para acolher as histórias vividas por pessoas que foram roubadas de si.

Foucault (2008) aponta sobre a mudança paradigmática na concepção da loucura, características fortemente marcadas nos séculos que se seguiram. Durante o século XV a loucura circulava livremente entre as pessoas, considerada como algo que fazia parte da natureza humana. No final do referido século os hospitais que antes eram depositários dos leprosos se encontravam vazios, a peste teria chego ao fim, devido a ruptura do contato com os polos infecciosos.

O período de intensa internação acontecera nos séculos XVII e XVIII, a questão da loucura nesse momento era considerada como um problema de natureza política e social. A internação não possuía finalidade terapêutica, mas sim de reclusão para punir e vigiar, prática que se estendeu até os séculos XVIII e XIX quando a loucura já se configurava como um saber de posse da psiquiatria, inserida nos moldes biomédicos, categorizada como patologia.

E somente no século XX a reforma psiquiátrica ganhou forma e força a partir das denúncias contra maus tratos e violação dos direitos humanos. E como conquista dessa luta foi instituída lei nº 10.216 de 2001 que preconiza o redirecionamento o modelo de assistência das pessoas com transtornos mentais com o gradativo fechamento dos manicômios.

Frayze-Pereira (1994) alude que a loucura não se trata de algo que seja oposto a racionalidade, e sim interior à razão, em sentido de completude e não dicotomia. No entanto, pela dificuldade em compreender e tornar aceitável, é que a loucura sempre é vista no outro e não em nós.

Saber lidar com a diferença do outro parece ser algo que está fora do nosso alcance, e isolar, retirar de vista é o melhor que se pode fazer para “tratar a doença” de determinada pessoa.

Goffman (1999) cunhou o termo “instituições totais” a fim de categorizar espaços que em sua norma funcional inclina-se para seu “fechamento”, como por exemplo, as paredes altas, portas fechadas, muros com cercas, entre outros. Essas estruturas compelem a sua característica total de barreira com o meio externo acrescido das proibições de saída. E nesse único espaço ocorrem todas as dimensões de relação dos indivíduos.



A proposta dessa comunicação se baseia no processo de construção de um artigo que virá a compor a dissertação de mestrado que está em desenvolvimento. O objeto de pesquisa o qual temos nos dedicado é a República Terapêutica de Passagem (RTP) que hoje acolhe por tempo determinado pessoas que já cumpriram medida de segurança, e atualmente passam por um processo de resgate de sua autonomia.

A grande questão é que onde funciona a RTP funcionou o antigo Centro Integrado de Assistência Social (Ciaspa). Sua estrutura arquitetônica contemplava os moldes manicomiais, de uma típica instituição total.

Diante do exposto, questionamo-nos: Como as possíveis e emergenciais alterações no espaço físico podem contribuir para proporcionar bem estar aos usuários sem que lhes remeta ao seu passado de sofrimento?

2. OBJETIVOS

- Compreender a dinamicidade da arquitetura quanto objeto de poder dentro da saúde mental;
- Analisar as mudanças que ocorreram na estrutura física da RTP;
- Descrever como se dá a percepção do ambiente pelos usuários.

3. METODOLOGIA

A pesquisa versará por uma abordagem qualitativa e descritiva. Por meio de revisão de literatura, visita in lócus e observações.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Ao término deste estudo espera-se compreender de que forma se estabelecem as relações pessoa-arquitetura, e como as pessoas se apropriam do ambiente agora não mais como lugar de enclausuramento, mas como lar.

Referências

Brasil, 2001. *Lei n. 10.216*, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. In Diário Oficial da União, Brasília: DF.

Foucault, M. 2008. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.

Frayze-Pereira, J. A. 1994. *O que é loucura*. São Paulo: Brasiliense.

Goffman, E. 1999. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.

